

Cidade: palco de cultura e comunicação, espaço de reflexão sobre turismo



GASTAL, Susana. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio – tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade*. Campinas: Papyrus, 2006.

Denise da Costa Oliveira Siqueira

UERJ

Euler David de Siqueira

UFJF

A cidade, suas praças e seus monumentos são espaços que expressam e confrontam a cultura contemporânea. Ao mesmo tempo em que são reflexo de um tempo, comportam a arte urbana e suas desobediências ou resistências; comportam construções pós-modernas ao lado de remanescentes coloniais e habitações insalubres como as medievais; são habitadas por gente conectada às mais recentes tecnologias e gente excluída de benefícios sociais. A metrópole contemporânea é *carrefour* de idéias, corpos, vanguardas e retaguardas políticas, econômicas, artísticas. É onde o mundo acontece: mesmo com as promessas das redes de computadores e seus ideais descentralizadores, a cidade ainda centraliza fatos e acontecimentos que pautam a mídia, que constroem imaginários e estimulam consumos. A cidade é o centro do mundo à medida em que estabelece com seus moradores relações de sociabilidade, interesse, expectativa, mobilidade social e econômica.

Em *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio – tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade* (Campinas: Papyrus, 2006), Susana Gastal retoma a questão da cidade mostrando que o tema é necessário, hoje mais do que nunca. Importante campo de discussão desde a polis grega, a cidade surge na pesquisa de Gastal como referencial para se pensar a pós-modernidade e suas implicações. A autora escolhe três matrizes para aprofundar sua análise: a praça, o monumento, o palco. A primeira, por abordar o espaço; o segundo, como significativo do tempo e o terceiro, por sua visualidade. Utiliza, para tal, um referencial teórico amplo que possibilita uma leitura construída em diversos argumentos. A semiótica surge como fundante para a pesquisa, em especial nas abordagens mais contemporâneas de Umberto Eco e na possibilidade de ler a cidade como texto visual. Fredric Jameson, especialmente, engendra, na pesquisa, a leitura sobre a pós-modernidade, sua característica fragmentadora, sua leitura do pastiche e da ironia. David Harvey é outro autor que fundamenta a leitura da pós-modernidade.

Jornalista e doutora em Comunicação pela PU-CRS, Susana Gastal é coordenadora do mestrado em turismo da Universidade de Caxias do Sul e professora da PUCRS. É coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Hospitalidade da Intercom. Publicou *Salas de cinema, cenários porto-alegrenses* e *Imagens e imaginários do turismo* além de ser organizadora de outros títulos. Sua visão da cidade revela a formação em comunicação e o olhar para o fenômeno turístico como fenômeno cultural.

Desse modo, a cidade que pauta a pesquisa é aquela que interessa a sociólogos, geógrafos, antropólogos, turismólogos, filósofos, pesquisadores da comunicação. Nesse sentido, faz lembrar a cidade polifônica, de Massimo Canevacci (1993), palco de muitas vozes que concordam e discordam, que têm diferentes visões de mundo e que somente poderiam ser entendidas em uma abordagem plural, algo parecido com o fato social total, como escreveria Marcel Mauss (1974), ou fenômeno complexo, para usar a terminologia de Edgar Morin (1998).

**“aproximados
pelos meios de comunicação
mas ainda assim distantes,
eis o paradoxo provocado
pelas novas tecnologias aos
sujeitos”**

Alegorias urbanas, o passado como subterfúgio surgiu da perplexidade de sua autora diante da “generalizada preocupação contemporânea nas restaurações, revitalizações e recuperações de prédios e sítios históricos – recuperações que buscariam resgatar tempos e espaços” em países antigos da Europa mas também nos relativamente mais novos países do chamado “terceiro mundo” (2006, p.10). Tais recuperações seriam reconstruções não somente arquitetônicas, obras de engenharia, mas também trabalho de reconstrução cultural e histórica; modo de (re)construir identidades, valorizar visões de mundo em detrimento de outras versões. Aqui, está em jogo um campo cultural e simbólico nos moldes descritos por Bourdieu (1989). A cidade é um poderoso e complexo campo onde inúmeros atores se reúnem munidos de diferentes olhares, perspectivas e capitais culturais a fim de disputar a definição do que é a própria realidade.

Assim é que, segundo Gastal, “hoje, talvez, as novas identidades passem pela identidade das cidades” (2006, p.10) possivelmente porque nos espaços urbanos “vivem milhões de pessoas agora sem a mínima vinculação com aquilo que era denominado terra no âmbito do rural” (2006, p.10). Na cidade, já adiantava Simmel (1983) ao refletir sobre o estrangeiro, por mais próximos que estejam uns dos outros, não há nada que una os homens da mesma forma que a vida comunal rural ou a cidade pequena. A proximidade excessiva de vizinhos estranhos que compartilham andares de prédios, paredes de apartamentos, janelas devassadas faz com que habitantes das cidades se defendam levantando escudos – é preciso centrar-se em si próprio para viver sem ouvir ou ver vizinhos, mendigos, pedintes.

Nesse contexto, as relações comunitárias, de solidariedade se transferem para outras instâncias: o estar junto – como o apresenta Maffesoli (1995) – promovido pelos grandes eventos midiáticos, as grandes campanhas de ajuda humanitária, por exemplo. A cidade é, por excelência, lugar ou espaço do estar junto.

Gastal busca, então, refletir acerca de “inquietações em relação à cidade e como esta se constitui na contemporaneidade” (2006, p.11). Tratar de contemporaneidade implica pensar também sobre as novas tecnologias de comunicação e informação, as redes de computadores, as transformações que engendram nas sociedades. A cidade contemporânea tanto usufrui quanto é vítima dessas novas tecnologias. A violência, as longas distâncias percorridas diariamente da casa para o trabalho, o pouco dinheiro fazem muitos buscarem novas formas de sociabilidade nas redes de computadores. Aproximados pelos meios de comunicação mas ainda assim distantes, eis o paradoxo provocado pelas novas tecnologias aos sujeitos. E eis que alguns deles passam a frequentar cada vez mais a cidade virtual: comércio pela Internet, encontros sociais e amorosos, acesso a informações variadas e entretenimento são alguns dos atrativos que a rede oferece.

**“a cidade ainda é capaz de ser
reinventada; sua reconstrução,
mais do que no plano da
engenharia, se dá
cotidianamente no plano das
representações”**

Assim, cidade que também é *locus* da violência, tanto pode ganhar quanto perder com o uso de pós-modernas redes de fibras óticas, celulares, redes de vigilância públicas e privadas. Ganha comodidade, perde privacidade. Assim é que Gastal escreve que “na cidade e para além dela, o conceito de rede comunicacional-tecnológica avança sobre outras estruturas, tornando-as dependentes” (2006, p.34). A tecnologia também afeta a cidade e seus habitantes e provoca mudanças. Tais mudanças transformam a subjetividade. “A nova construção da subjetividade mostrará um sujeito fragmentado, com uma nova maneira de ser e estar no tempo e no espaço, e de mostrar-se no palco da cidade” (2006, p.35). A fragmentação do sujeito na cidade é mesmo ela um reflexo dos universos de significação e realidade que se tecem na cidade. Não há uma só cidade, mas múltiplas cidades falando distintas línguas. Nesse sentido, não há somente o palco-cidade, a Internet torna-se palco também.

Na *polis* grega a *ágora* era o praça central, espaço privilegiado onde reuniam-se os homens livres a fim de deliberar sobre seus problemas. Hoje, concorrendo com o mundo virtual – a *ágora* digital –, sujeita à presença dos excluídos de bens de cidadania – mendigos, desempregados, menores de rua, catadores, vadios, desocupados e assaltantes – a praça muitas vezes se torna espaço decadente nas grandes cidades. A praça parece perder espaço simbólico na cidade contemporânea.

A despeito dos problemas que promovem sua “decadência”, a cidade se abre para aqueles que nela transitam, seja como dândi ou flâneur, para olhar e ser olhado. Na cidade, jogam-se muitos jogos, cujas regras são distintas, plurais e têm de ser escritas. Andar pela cidade é como participar de um jogo de sedução, onde ser visto implica manipular e compartilhar conhecimentos especiais, regras e etiquetas. Como palco e lugar da sedução – pensemos no passeio público, por exemplo, ou nos calçadões das praias cariocas – a cidade abriga o imaginário da festa que aproxima diferentes. Mas o palco, que antes ocupava o espaço público, assim como ruas e praças, agora cede lugar aos *shopping centers*, centros culturais, gastronômicos e de lazer, bairros boêmios ou centros históricos.

Viver na cidade implica, como escreve Gastal, viver a cidade (2006, 212). Não basta estar nela, é preciso vivê-la, experimentar suas contradições: condomínios de luxo convivem com a periferia precária, suja, violenta. De toda forma, a cidade ainda é capaz de ser reinventada; sua reconstrução, mais do que no plano da engenharia, se dá cotidianamente no plano das representações. A cidade é a imagem que seus cenários ajudam a constituir, mas é também o imaginário que o urbano a ela impõe. A cidade se dá ao olhar em imagens. E enquanto o olhar é um sentido consciente, fisiológico, a visão que o complementa é uma construção histórico-cultural. A visão que a pós-modernidade propicia da cidade, que implica a ironia, o *revival* e a nostalgia impõe tudo menos o uno, afinal, são muitas realidades e cidades em cada metrópole. ■FAMECOS

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.

In: ———. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. v. II. p. 37–184.

MORIN, Edgar. *O método*. v. 4: As idéias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas sociais.